

# MASCULINIDADES NO CONTRABANDO A PARTIR DO FILME *EL BAÑO DEL PAPA*

MASCULINITIES IN SMUGLING FROM THE FILM *EL BAÑO DEL PAPA*  
MASCULINIDADES EN EL CONTRABAND DESDE LA PELÍCULA *EL BAÑO DEL PAPA*

Hariagi Borba Nunes<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo dialoga com os conceitos de masculinidade hegemônica e masculinidade subalterna, conjuntamente, com os estudos sobre fronteira e contrabando. Propomos traçar aspectos sobre masculinidades no contrabando a partir do filme *El Baño del Papa*, focando em três grandes blocos do longa; 1) a relação dos contrabandistas com a fiscalização; 2) as interseccionalidades entre os contrabandistas; e 3) as masculinidades relacionadas às feminilidades no filme. Conclui-se que as masculinidades contrabandistas são condicionadas à sobrevivência e à travessia, dispostas à flexibilização das condições de trabalho e ao negócio enquanto premissa única para suas permanências.

**Palavras-chave:** Masculinidades; fronteira e contrabando; história e gênero, história e cinema.

## Abstract

The article aims to introduce the concepts of Hegemonic Masculinity and Subaltern Masculinity, as well as studies on borders and smuggling. I propose to trace aspects of smuggler masculinity from the film *El Baño del Papa*, focusing on three large blocks of the movie; 1) the relationship between smugglers and inspection; 2) the interseccionalities between smugglers; and 3) the masculinities related to femininities in the film. It is concluded that smugglers' masculinities are conditioned to survival and crossing, willing to make working conditions and business more flexible as the only premise for their permanence.

**Keywords:** Masculinities; border and smuggling; history and gender, history and cinema

## Resumen

El artículo tiene como objetivo introducir los conceptos de masculinidad hegemónica y masculinidad subalterna, junto con estudios sobre fronteras y contrabando. Proponemos rastrear aspectos de las masculinidades en el contrabando desde la película *El Bãno del Papa*, centrándome en tres de las grandes bloques de la película; 1) la

.....

1. Doutoranda em História - PPGH/UFRGS, [hariagibn@gmail.com](mailto:hariagibn@gmail.com)

relación entre contrabandistas e inspección; 2) las intersecciones entre los contrabandistas, y 3) las masculinidades relacionadas con las feminidades en la película. Se concluye que las masculinidades de los contrabandistas están condicionadas a la supervivencia y el cruce, dispuestos a flexibilizar las condiciones laborales y de negocios como única premisa para su permanencia.

**Palabras- clave:** Masculinidades; frontera y contrabando; historia y género, historia y cine.

## 1. INTRODUÇÃO: “Yo no soy ningún malandro, señor! Yo vivo de esto”

Hay un camino en mi tierra  
Del pobre que va por pan  
Camino del los quileros  
Por la sierra de Acegua  
(Camino de los quileros- Jorge Cafrune)

Quando assisti o filme *El baño del Papa*, a fronteira já tinha deixado de ser minha casa há uns 10 anos. Lembranças, flashes, sensações. A memória me convidou a acessar, primeiramente, a língua: *el portunhol*. “Como tinha *olvidado* da linguagem que produziu meu primeiro pensamento?”. Outros elementos foram somando este recordar. *Los espacios* de travessia: la ruta 8, a praça “lá de cima” (Brasil), mi escuela (Uruguai), os comércios, Marco de fronteira.

Dentre as múltiplas lembranças e cenas (re)vividas pela trajetória do protagonista Beto, a questão do contrabando foi a que mais me tocou. Sou de uma família de contrabandistas: neta, filha, sobrinha, prima. Cresci entendendo que o crime tinha a ver com burlar o sistema, porém, não sei como, “o que faziam os moradores de Aceguá não era contrabando, era sobrevivência” (Documentário *La línea Imaginaria*). Assim, meu avô já me contava: “*Por aquí, mija, pasaban los contrabandistas de caña y escucharon un bicho que “hacía guá”*”. *¡Viste! “Hacía guá”, Aceguá. Nós somos o que ficaram desses contrabandistas. Assim é a vida na fronteira. ¡O contrabandías, o te moris de hambre!*”. Desde *de niña* também entendi que a figura do Aduaneiro era imprescindível para a vida fronteiriça: a autoridade, a fiscalização, a ordem... também alguém que *quitava los sueños*, o dinheiro e a mercadoria dos trabalhadores/ contrabandistas. Eles lá, invencíveis, fardados, *hablando solamente el español*; nós aqui, precários, negociando linguagens, tentando conviver em dois lados de uma mesma cidade, ou na divisa de dois países.

De mãos dadas com minha experiência atravesso o limite de “falar de si” e “escrever ciência”. *Todo bien*, estou *acostumbrada a mesclar*. Assim, desde a aglutinação memorialística - aqui brevemente relatada-, da ficcionalidade, dos estudos sobre masculinidades, fronteira e contrabando, proponho traçar aspectos sobre masculinidades fronteiriças a partir da lógica do contrabando enquanto prática formadora desses sujeitos. Tomo como objeto de análise três grandes blocos do longa; 1) a relação de Beto e dos outros *bagayeros*/contrabandistas com a figura de Melillo (Aduaneiro); 2) os aspectos das masculinidades contrabandistas pautadas na cooperação/amizade entre Beto e El Negro, visulabrando a complexidade das questões raciais operacionalizadas na relação de dois sujeitos precarizados; e 3) como as masculinidades - através dos personagens de Beto, El Negro e Melillo - relacionam-se com aspectos de feminilidades apresentados no filme (a mulher, a filha, a bicicleta, *la mobil*<sup>2</sup>, outros homens).

Politicamente direciono meu olhar sob a ótica do feminismo decolonial (Yuderkys ESPINOSA, 2016; Ochy CURIEL, 2015; Maria LUGONES, 2008), onde a lógica do gênero, da raça, das sexualidades, e do corpo permeiam juntas a construção dos sujeitos na *colonialidade*. Em linhas gerais, é compreendido como movimento teórico-metodológico-político ramificado e contra-hegemônico, relacionado aos estudos do projeto colonialidade/modernidade (Anibal QUIJANO, 2000, 2000, 1991; Enrique DUSSEL, 1995; Walter MIGNOLO 2002; 2004) e as pensadoras negras (black feminism) (Angela DAVIS, 2016, 2017; Bell HOOKS, 2013; Patrícia Hill COLLINS, 2016; Audre LORDE; 2019) e tercermundistas (chicanas, asiáticas e latinoamericanas) (Gloria ANZALDÚA, 2016, 1980, 1988; Cherrie MORAGA, 1983, 1979, 1979; Silvia CUSICANQUI, 2010).

As concepções centrais de tal movimento intelectual seriam: 1) revisitar, problematizar e expandir as teorizações e as propostas políticas feministas hegemônicas, inseridas dentro do pressuposto universal branco, burguês, heterossexual, norte-global, a partir da emergência do legado intelectual das feministas negras, chicanas e sul-mundistas; 2) visibilizar os processos de colonialidade/modernidade (econômico, social, subjetivo, racial, de gênero e sexual) e o *epistemicídio*<sup>3</sup>, imposto desde o norte, sobre os conhecimentos,

.....

2. Carro da fiscalização alfandegária

3. Ação epistemológica e ontológica de roubar e/ou assassinar saberes em detrimento de outros em posições de dominação.

saberes e práticas do sul-global, expandindo conceitos chave das teorias da colonialidade produzidas anteriormente; e 3) visibilizar e produzir outras linguagens, epistemologias e ontologias feministas sobre os sujeitos e suas práticas a partir de corporalidades *sulificadas* - e fronteiriças -, evidenciando que as racializações e generificações são parte intrínseca da formação do projeto colonial, ou da colonialidade/modernidade.

Assim, reconfiguram a maneira como compreendemos o conhecimento, desestabilizando os saberes legítimos como únicos possíveis, criando mecanismos para processos de descolonização. Importante demarcar que dita teoria não será discutida conjuntamente com o resto do referencial teórico apresentado, assim, ela toma o papel lente epistemológica pela qual vislumbro a relacionalidade entre os sujeitos que está escrita deseja narrar.

Considero que as condições de produção de gêneros, masculinidades, feminilidades etc., são atravessadas na atualidade pelas heranças coloniais que produziram as divisões entre humano/não-humano, civilizado/selvagem, branco/não-branco, homem/mulher, natureza/cultura, e tantos outros binarismos petrificados nas corporalidades. Sendo assim, falar sobre homens e masculinidades é, primeiramente, observar a construção histórica das categorias mencionadas e quem pode utilizá-las, assim como suas contradições, divergências e operacionalidades.

Teoricamente estabeleço esse passeio a partir dos estudos de masculinidades e dos conceitos de masculinidade hegemônica (Raewyn CONNELL, 2013) e masculinidade subalterna (Michael KIMMEL, 1998), extraindo as interseccionalidades possíveis, tanto quanto as complexidades e cuidados na aplicabilidade conceitual para uma realidade das fronteiras do sul global e dos sujeitos do contrabando. Também convidamos à travessia os estudos de fronteira e contrabando do Brasil-Uruguai (Enrique MAZZEI, 2012; Adriana DORFMAN, 2009), evidenciando a utilização do conceito de contrabando formiga (DORFMAN, 2013), o qual expõe a condição enigmática do sujeito fronteiriço, que além de contrabandear pequenas mercadorias para sobrevivência também pratica a desobediência linguística, nacional, territorial.

El *bagayero*/*matrero*/*quilero*/*contrabandista* são nomenclaturas locais para o sujeito que vive/sobrevive do ato de atravessar constantemente de um lado ao outro da linha, levando mercadorias, línguas, nacionalidades, culturas, sonhos e memórias. Importante destacar que o caminho-texto proposto nesta narrativa não é uma discussão sobre cinema e história, ou

como a história é real e o cinema é ficção. Parto da premissa de que ambos são potenciais narrativos sobre os sujeitos, assim, compartilham espaços e tempos inaugurando linguagens e códigos diferentes (Eduardo Victorio MORETTIN, 2003).

Compreendo que as ficcionalidades não estão em oposição à realidade, ao contrário, elas reconstróem possibilidades de encontros, disputas e relações que ainda não aconteceram, ou que somente não foram capturadas, analisadas, cristalizadas na escrita de alguém. Como outros códigos de linguísticos de inteligibilidade, a história tem suas premissas, verificações e regras de análise, sendo assim, a historiadora que escreve estas linhas não deixará de aplicá-los, levando em consideração contextos, sujeitos, temporalidades, complexidades, contradições e a historicização do que se propõe ver e narrar.

## **2. FRONTEIRA, CONTRABANDO E SOBREVIVÊNCIA: “El papa va venir a Melo”**

O longa, *El baño del Papa*, foi lançado em 2007 sob uma parceria de Brasil, Uruguai e França. Dirigido por dois uruguaios - Enrique Fernández e César Charlone - o filme narra a história do contrabandista/bagayeiro Beto, que investe na construção de um banheiro para a chegada do Papa João Paulo II na interiorana cidade de Melo no departamento de Cerro Largo-Uruguai. O enredo do filme, além de mostrar as viagens do contrabandista trazendo mercadorias do Brasil para o Uruguai, centraliza-se no evento verídico da visita do Papa a Melo no dia 8 de maio de 1988. Segundo a escritora e cineasta argentina Mariana Moguillansky (2016), César Charlone - um dos diretores - relatou a história de sua cidade ao colega Enrique Fernández, insinuando que seria uma boa narrativa para o cinema. Segundo ela, a história de Melo em relação ao Papa foi única, pois houve um incentivo ao comércio local impressionante, onde milhares de pessoas venderam suas casas, carros, motos, fizeram empréstimos para comercializar alimentos no dito evento. A história tornou-se uma tragédia pois a visita do Papa não gerou lucro nenhum ao pequeno povoado, mas ao contrário, inaugurou um dos momentos de maior crise e pobreza da cidade.

A pacata Melo (UY) compõe junto com Bagé (BR) a extensão de 150 km de fronteira seca a partir das cidades gêmeas Aceguá/Acegua. Assim como Melo, o que se retrata é a pobreza, humildade e simplicidade da população aceguence e dos sujeitos que vivem dos câmbios fronteiriços. No filme, o

protagonista Beto integra esse núcleo ao sobreviver levando - de bicicleta - mercadorias de Aceguá a Melo, atravessando a fiscalização aduaneira ou desviando dela pelo cerro chamado “camino de los quileros”, ou caminho dos contrabandistas. A cidade de Aceguá (BR) e sua irmã Acegua (UY) estabelecem, para seus habitantes, uma única cidade, dividida ao meio pela Avenida Internacional. A história do contrabando na fronteira de Aceguá é a própria história de Aceguá. Nos inícios do século XX - 1917- a polícia da banda oriental orgulhava-se de ter matado “El ultimo matrero”: Martin Aquino. Conhecido pela recente historiografia uruguaia e convertido em anti herói nacional, Aquino era de Melo e ganhava a vida contrabandeando mercadorias do Brasil para o Uruguai. Jovem contrabandista, emerge na história como “justiceiro”, “sujeito que desafiava as leis para sobreviver”, assim, tornou-se a imagem de uma existência positiva para os habitantes de Aceguá até os dias de hoje (Sonia BANDRYMER, 2008, p. 3).

As formulações sobre fronteira perpassam muitas áreas do conhecimento e as disputas entre elas relacionam-se à complexidade e maleabilidade do próprio conceito. Alio-me ao parecer de que fronteira não é sinônimo de limite, divisão e separação, e sim o oposto: um espaço de integração, assimilação, negociação - pelo menos nas “fronteiras de paz” (MAZZEI, 2012). Nesse espaço fronteiriço a circulação dos habitantes é autorizada por ambos Estados-nação e assim emerge a existência *doble*: binacional, bilíngue, biterritorial. Segundo Dorfman o intercâmbio dessas práticas culturais associadas ao tráfico de mercadorias condiciona o contrabando na composição da existência fronteiriça:

O contrabando é, nesse sentido, uma prática cultural conectada com a condição fronteiriça. Há uma sobreposição entre a prática do contrabando e a cultura da fronteira, cujos índices mais reconhecidos são o portuñol, as famílias mistas, a política transfronteiriça, a música e a literatura de fronteira. (DORFMAN, 2009, p. 6)

Das concepções sobre fronteira sul e contrabando, eleva-se a ideia de contrabando formiga, ou contrabando em pequena escala que, segundo Dorfman (2013, p. 130), baseia-se em um contrabando como prática e não como delito: “como se observa em campo, nessa fronteira o contrabando é bastante legítimo”. O contrabando formiga ou a prática quileira/bagayeira é própria das fronteiras abertas, onde a circulação e o acesso a ambos os países perpassa a uma outra instância da ilegalidade. Historicamente o

contrabando e a ilegalidade - como descrevem os estudos de Cesar Guazzelli (2003; 2013) e Mariana Flores (2007) - condiciona o homem da fronteira e compõe seus próprios hábitos e comportamentos que “[...] são também “fronteiriços” em todos os sentidos (...)” (GUAZZELLI, 2003, p. 123). Flores, sobre os contrabandistas e contrabando na região Sul no século XIX, afirma que a zona de fronteira também é “zona de integração que possibilita a construção de relações sociais e onde o contrabando tanto constitui o espaço, quanto é constituído por ele.” (FLORES, 2007, p. 10).

Por este motivo de imbricação de práticas ilegais e fronteira, o “contrabando não pode ser definido unicamente como um ato ilegal em si, ele tem que ser explicado no ambiente socioeconômico que lhe deu origem e em cujas relações ele se apóia” (Suzana SOUZA, 1994, p. 80).

Apesar da positivação histórica do contrabando para os sujeitos fronteiriços, sob a ótica jurídico-legal, a prática continua associada ao crime, infração e hábitos penalizados. Dito isso, é importante destacar que o ato do contrabando não estabelece um movimento conscientemente político de subversão, desvio e boicote à norma nacional e estatal. Segundo Dorfman (2014, p. 8) os contrabandistas organizam suas ações em torno do mercado e da sobrevivência “(...) eles burlam as regulações econômicas e o controle do território pelo estado em função de interesses comerciais, e não como uma forma de protesto contra leis que não contemplam as necessidades locais”. O que temos que levar em consideração são as contradições culturais, relações de dominação e resistências, aspectos historicamente acionados que constroem a percepção do fronteiriço sobre si e suas práticas de sobrevivência através do contrabando.

A lógica contrabandista de línguas, culturas, produtos, pessoas perpassa toda concepção do longa, evidenciando o intercâmbio de culturas entre os países a partir de placas (Brasil e Uruguai), bandeiras, produtos levados pelos *bagayeros* (erva mate, pilhas, bebidas alcoólicas), idiomas (na troca com comerciantes brasileiros, pela televisão, rádio), como destaca Moguillansky (2016, p. 155) “los habitantes de Melo utilizan gas brasileño para sus hogares, hablan fluidamente el portugués, manejan cruzeiros (la moneda de Brasil en ese momento) y compran allí diversos productos en los cuales los favorece el cambio”.

### 3. MASCULINIDADES CONTRABANDISTAS

Para introduzir, através de cenas selecionadas do filme, possíveis masculinidades contrabandistas, ou masculinidades *bagayeras/quileras*, devemos

apresentar - de forma breve - os conceitos de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2013) e subalterna (KIMMEL, 1998), ambos muito importantes para os estudos relacionados a hombridades e suas derivações.

Auxiliada pela ideia de hegemonia de Gramsci, Connell desenvolveu, nos anos 90, conceito de masculinidade hegemônica. Pensando a partir da liberação dos movimentos gays e de mulheres, dedicou-se - pelos estudos de gênero - a pesquisar masculinidades. Apesar de ser um conceito central às investigações sobre homens e suas ramificações, importante destacar que disputas, críticas e tensionamentos foram produzidos estabelecendo reformulações fundamentais para sua utilização, como: 1) a masculinidade hegemônica não é fixa, essencial e transhistórica, pode variar temporalmente e culturalmente sob contextos e relações, baseando-se na norma vigente; 2) a(s) masculinidade(s) hegemônica(s) também é plural, hierárquica, complexa e negociável, compreendendo dinâmicas geográficas e relações de poder entre os sujeitos; 3) a masculinidade hegemônica é relacional, compõe uma série de práticas, recitações e códigos cotidianamente reproduzidos que são operacionalizados em oposição às feminilidades e outros homens (lgbts, homens não-brancos, etc); 4) as masculinidades são pautadas nos estudos de gênero e não na biologização do homem, ou seja, se para Beauvoir “a mulher não nasce mulher: faz-se”, o homem também; 5) a masculinidade hegemônica não significa necessariamente violência, ela trabalha a partir de produção de símbolos, comportamentos, assim, é uma “ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão” (CONNELL, 2013, p. 245).

Já a ideia de masculinidades subalternas - desenvolvida aqui por Kimmel - está condicionada às masculinidades hegemônicas. Para o autor, as ditas masculinidades são construídas cultural e historicamente, e principalmente, de forma a hierarquizar essa relação. Sendo assim, “o hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gêneros” (KIMMEL, 1998, p. 104). Ao investigar sobre hegemonia nas masculinidades dos Estados Unidos e Europa Ocidental do século XVIII à atualidade, Kimmel observou três aspectos importantes: 1) as masculinidades hegemônicas são variantes: históricas, culturais, sociais, e, inclusive, “variam no decorrer da vida de qualquer homem individual.” (KIMMEL, 1998, p. 105); 2) as masculinidades subalternas e hegemônicas são construídas relacionalmente em encontros sujeitados a poder, hierárquicas, opressão, dominação, a partir da visibilização de categorias de gênero, raça,



classe, sexualidade, geração, nacionalidade, geografia. etc., assim como, a relação de poder sobre as mulheres; e, 3) as masculinidades hegemônicas são pautadas pelo privilégio da invisibilidade política de quem opera o poder, ou seja, “É um luxo que somente pessoas brancas em nossa sociedade não pensem sobre raça a cada minuto de suas vidas. É um luxo que somente homens em nossa sociedade façam de conta que o gênero não importa” (KIMMEL, 1998, p. 106).

Ambos os conceitos são imprescindíveis para os estudos sobre masculinidades, principalmente, no que refere-se à desnaturalização da categoria homem, propondo assim, uma historicização dos sujeitos e suas práticas. Outra questão central seria a condição relacional sobre as masculinidades: se existe uma hegemonia, existe uma subalternização. Obviamente esta constatação não é binária ou simplista, ela trabalha a partir das imbricações dos sujeitos e de seus marcadores através de relações de poder e privilégios, emergindo, na maioria das vezes, o homem cis branco hetero norte-global como a figura central da hegemonia. Porém, vejamos, que também existe a própria disputa e complexidade entre as masculinidades hegemônicas, e esta hegemonia - como nos adverte Kimmel - é variável, pois - pensando com Connell - dificilmente um homem permanecerá nessa categoria se não criar mecanismos de recitá-la e prová-la cotidianamente em relação a si mesmo, outros homens e mulheres.

Podemos ver os conceitos operando nas relações de Beto, El Negro e Melillo de maneira complexa, entrelaçada e interseccional, visibilizando questões de subalternização através de precariedade, inferiorização, racismos, deslegitimações entre os próprios contrabandistas/bagayeros e as autoridades. Da mesma concepção que operam as subalternizações também trabalham os núcleos de hegemonias dentro do filme, através da figura do aduaneiro Melillo e as autoridades do exército; entre os contrabandistas/bagayeros (a branquidade<sup>4</sup> de Beto em detrimento à racialização do amigo

.....

4. “1. A branquidade é um lugar de vantagem estrutural nas sociedades estruturadas na dominação racial; 2. A branquidade é um ‘ponto de vista’, um lugar a partir do qual nos vemos e vemos os outros e as ordens nacionais e globais; [...]; 4. A branquidade é comumente redenominada ou deslocada dentro das denominações étnicas ou de classe; [...]; 6. Como lugar de privilégio, a branquidade não é absoluta, mas atravessada por uma gama de outros eixos de privilégio e subordinação relativos; estes não apagam nem tornam irrelevante o privilégio racial, mas o modulam ou modificam; 7. A branquidade é produto da história e é uma categoria relacional. Como outras localizações raciais, não tem significado intrínseco, mas apenas socialmente construídos. Nessas condições, os significados da branquidade tem camadas complexas e variam localmente e entre os locais; além disso, seus significados podem parecer simultaneamente maleáveis e inflexíveis” (Ruth FRANKENBERG, 2004, p. (312 – 313).

El Negro); entre aspectos de feminilidades e de masculinidades do filme. Ambas as características hegemônicas e subalternas se cruzam e compõem as andanças de um mesmo personagem, o que autoriza a alternância são as relacionalidades.

Importante frisar que não será feita uma análise aprofundada das cenas, pois acredito que por si só elas retratam as concepções e conceitualizações trabalhadas aqui. Pontuo a necessidade de evidenciar algumas falas dos personagens em relação às masculinidades e feminilidades que o longa apresenta.

Beto, protagonista do filme, é um bagayero/contrabandista que ganha a vida transportando pequenas mercadorias do Brasil para o Uruguai. Desenhado pelo filme como um homem astuto, batalhador e idealizador, divide o núcleo familiar com sua esposa Carmem (que ajuda na renda lavando roupas) e a filha Silvia (estudante que sonha em ser jornalista). Através de Beto, de sua família e dos outros amigos bagayeros acompanhamos o desenrolar da história sobre o enredo da visita do Papa e da construção de um banheiro para utilização dos visitantes.

Em Beto, vemos a imagem do homem branco, pobre, trabalhador-provedor que cria mecanismos e invenções absurdas para sair da condição de pobreza. Todas as relações de construção do personagem oscilam sob oposições e cooperações entre as amizades contrabandistas e sua família, também a negociação fronteiriça com as autoridades. Em todas elas vemos os encontros entre personagens ora operando em uma inferiorização da masculinidade de Beto, ora em uma imposição dele aos outros personagens da trama.

El Negro compõe junto com Beto o núcleo pobre e dos contrabandistas/bagayeros que levam pequenas mercadorias de bicicleta de um país a outro. Também está presente nas estratégias para a visita do Papa - junto com sua esposa Tereza irá vender “choriços”. El Negro também estabelece o vínculo de amizade e cooperação com o protagonista Beto, sendo seu o amigo e colega de viagens, ajudando no carregamento de mercadorias e também a livrar-se da fiscalização. El Negro e Tereza são parte central da narrativa e os únicos negros com ações, falas e dinâmicas no enredo, emergindo assim, a dupla subalternização dessa masculinidade: a pobreza e o racismo.

O aduaneiro Melillo estabelece a ligação do núcleo dos contrabandistas/bagayeros com o das autoridades (fiscalização, polícia, exército). O personagem emerge na trama em oposição aos contrabandistas, traçando uma

aliança entre os últimos e o telespectador. Melillo é a figura do aduaneiro branco, heterossexual, corrupto, machista e odiado pelos bagayeros, pois usa da condição de autoridade para praticar humilhações, desrespeitos, negociações sobre as mercadorias, que ora ele apreende dos bagayeros para usufruto próprio, ora destrói. Também podemos vislumbrar a masculinização do núcleo que Melillo integra: as autoridades do exército são representadas somente por homens.

### 3.1. LOS QUILEROS E MELILLO: “Como me llamo yo? Soy Melillo, el aduanero”<sup>5</sup>

**Cena 1** - Lá estão Beto e El Negro, pedalando e com algumas mercadorias, pelo que entende-se, já estão voltando das viagens a Aceguá. Uma rádio uruguaia interrompe a difícil jornada dos contrabandistas e direciona a cena para o núcleo militar, onde estão todos aduaneiros. Placas de Brasil-Uruguai e rádio em espanhol se entrecruzam para construir no filme o ar fronteiriço. Beto, El Negro e os outros decidem desviar o caminho da aduana e ir pelo caminho dos contrabandistas: “esse milico nunca tira férias?” (00:03:10), “milico desgraçado” (00:03:11), desabafa Beto. Um dos companheiros não pode desviar pois “tem o aniversário da patroa. Preciso chegar cedo” (00:03:19). Prontamente, El Negro oferece levar as mercadorias que, obviamente, não passariam pela fiscalização, “vou te dar umas coisas que podem me dar problemas” (00:03:26), sugere o colega. Fazem as trocas enquanto recomendam cuidados com as mercadorias. Nesse momento a câmera abre sobre um nascer do sol no campo e a trilha sonora quebra a tensão da cena e torna leve o possível problema da fiscalização. Mostra a cooperação, a amizade e a aliança entre eles. “Nos vemos em Melo. Boa sorte!” (00:03:59).

Beto e El Negro seguem conjuntamente com outros pelo caminho *de los quileros*, atravessando campos, cercas e lamas. “La mobil, la mobil” (00:05:29), passa um motoqueiro gritando. Os contrabandistas tentam pedalar cada vez mais rápido. Na estrada, aproxima-se uma caminhonete vermelha. Beto consegue se esconder. “Parem! Parem! Caralho!” (00:06:15), desce da caminhonete e dá um tiro para o alto “Vocês já estragaram duas suspensões desse carro!” (00:06:20). De forma irônica sinaliza os contrabandistas que, humilhados, olham para baixo: “Calma, rapazes!” (00:06:28). Aproxima-se da caminhonete e aparece *Dirección Nacional de Aduanas, Movil SN27*. A cena,

.....  
5. Melillo questiona os contrabandistas (00:06:51)

que até então não apresentara o personagem, direciona o entendimento do telespectador para uma divisão entre mundos: os aduaneiros e os contrabandistas. “Como me chamo?!” (00:06:48), “Melillo” (00:06:50), responde El Negro. “E o que faço eu aqui?!” (00:06:58), “Aduaneiro!” (00:06:59). Vira-se para El Negro e intervem: “O que tem aí dentro?” (00:07:05), “Coisas para a família” (00:07:06). Durante todo esse diálogo, compõe-se uma cena tensa e negativa sobre Melillo, onde os contrabandistas falam pouco e permanecem cabisbaixos. Melillo, com ar de superioridade e autoridade sobre os outros homens, pega uma faca, vai até El negro e abre suas mercadorias pegando um Whisky. Depois caminha até outro bagayero, abre as mercadorias e quebra tudo. Sobe no *mobil* e sai bebendo. *Los quileros* pegam suas bicicletas e pedalam.

**Cena 2** - Beto, depois de machucar o joelho com as viagens de bicicleta, decide ir pelo caminho mais próximo e enfrentar os possíveis problemas da fiscalização: “É que não tenho mais remédio, Negro!” (00:24:49), “Boa sorte, então!” (00:24:50). Os amigos se separam. Beto pedala devagar e quando vai passando pelo Posto Alfandegário, um soldado pede que pare. “Muita coisa leva o senhor aí, não é mesmo?” (00:25:15), Beto responde que não “só coisas para a família... para casa” (00:25:17). “Que leva aí?!” (00:25:18), “Açúcar, farinha, arroz... O de sempre, senhor” (00:25:20). Beto indignado questiona o soldado: “Por que o senhor me parou? Aqui passam todos. Olhe lá atrás, pelo caminho lá atrás, todos passam. Por que eu não posso passar aqui?” (00:25:27), “O posto alfandegário é aqui e não lá” (00:25:37). O soldado rebate a colocação de Beto e sua possível quebra de submissão perante uma figura de autoridade, “Opa, rapaz! Mais respeito!” (00:25:30), impõe. Entra no diálogo a figura do general que ordena: “Desça da bicicleta, abra os pacotes e faça tudo como o soldado pediu” (00:25:44), “sim, senhor” (00:25:45), responde Beto. Em uma possibilidade de súplica, Beto - ao abrir as caixas - fala que tem família e que as compras são para manter os filhos e a mulher.

O general responde seco: “Parabéns! Fico feliz que tenha família, eu também tenho” (00:25:58). “Tem que aprender a respeitar!” (00:26:00), fala o General rindo com o Soldado. “Eu não sou nenhum ladrão, senhor! Eu vivo disso!” (00:26:04), “Mas isso é contrabando” (00:26:06), constata o Soldado. “Entra no Exército que eu vou te ensinar o que é trabalho! Abre os pacotes!” (00:26:08). Beto abre e se vê uns seis pacotes de erva mate. O general pega um e adverte “Pesadinha essa erva, né? O que tem dentro?” (00:26:30), “Somente erva, Senhor!” (00:26:32). Ao rasgar o pacote começam

a cair várias pilhas. Beto, surpreso, também fica paralisado. O telespectador constata que o bagayero não sabia das pilhas, onde ora havia cooperação entre amigos, também passa existir trapaça, formas outras de travessia. “Isso é trabalho para o senhor? Isso é viver de vagabundo, enganando as pessoas. Vagabundo, estelionatário!” (00:26:46), responde o General. A cena emudece e foca na cara de Beto olhando as pilhas jogadas no chão. O general e o soldado em posição de julgamento, olhando firme para Beto e sacudindo a cabeça em forma de negação. A trilha sonora expõe a vergonha de Beto.

**Cena 3** - Beto pedala apressado pela estrada. Em poucos minutos começa a cerimônia religiosa onde o Papa vai falar. Vê-se Beto levando no bagageiro da bicicleta um vaso sanitário. A empreitada do banheiro parece ter funcionado. Programas de Tv, repórteres, noticiários, pessoas vendendo, comidas, bebidas, intercalam a cena: a chegada do Papa, em detrimento das pedaladas insaciáveis de Beto. Compreende-se, ao decorrer do enredo, que Beto fez um negócio, às escondidas, com Melillo, porém Carmen descobre e o repreende. Beto, triste e culpado por ter negociado com o aduaneiro, não vai buscar o dinheiro do trabalho. Nesta cena, quase final, Beto tenta chegar antes do Papa discursar, porém, Melillo aparece na *mobil* perguntando a Beto por que não foi pegar o dinheiro. Beto não responde às tentativas de diálogo “Vamos, Beto, estou indo para Melo. Te levo. Coloca a bicicleta na caminhonete” (01:20:24), “Não, obrigado!” (01:20:34). Insiste Melillo, “Mas já até começou. Vai chegar atrasado” (01:20:37). Liga o rádio e Beto ouve a voz do Papa. Apressa mais as pedaladas. “Dale, Beto, sobe que te dou uma carona” (01:20:49), “Não, obrigado. Agora falta pouco” (01:20:51).

Melillo acelera e ordena a Beto que pare. Sai do carro com uma arma na mão e abre o porta-malas: “Sobe!”, “Te esperei ontem para buscar o dinheiro e nada” (01:21:32). Tira da carteira um dinheiro e oferece a Beto. “Não” (01:21:40), recusa o bagayero. Surpreso, Melillo questiona: “Está trabalhando por conta própria então, Beto?” (01:21:46). Melillo ri irônico e inicia um monólogo de humilhações a figura de Beto: “Quem te dá vida, Beto? O Papa esse? Os milicos? Os donos dos armazéns, te dão vida?” (01:22:00) e apontando a si mesmo com raiva diz: “O pai te dá vida! O filho da puta da *mobil*, te dá vida!” (00:22:03). Beto sinaliza que está com pressa, que precisa ir. Melillo ri e diz que não tem pressa nenhuma. A cena é cortada e quando volta está *la mobil* indo embora e Beto a pé com um vaso nas costas.

As três cenas recordadas aqui mostram a constante relação de tensão entre aduaneiros e contrabandistas nas fronteiras. Pautadas pela

masculinidade e pela figura do homem provedor - “coisas para a família”, falam à fiscalização -, os bagayeros realizam 60 km de bicicleta e sobrevivem dessa rotina. A partir do filme podemos constatar que consiste em um trabalho essencialmente masculino, assim como os aduaneiros - hegemonicamente masculino - entre soldados, generais e aduaneiros.

Compreendemos um movimento de inferiorização da masculinidade a partir da lógica do trabalho, pois a condição de contrabandista é relacional à da autoridade. A primeira é subjugada à segunda: criminoso x autoridade. Vemos essa relacionalidade quando o General fala a Beto que *vagabundagem* não é trabalho e defende o Exército como espaço de produção *do homem trabalhador*: “Entra no Exército que eu vou te ensinar o que é trabalho!”. Nessa mesma cena, Beto reage posicionando-se enquanto provedor da família e distanciando-se da figura do criminoso, como citamos sobre a lógica do contrabando formiga.

Outros aspectos são as cenas onde Melillo humilha os bagayeros. Invertendo a ordem em relação à cena do General, Melillo não quer perguntar a obviedade do que fazem os contrabandistas, ele quer identificar se sabem seu nome e o que ele representa. Tanto nessa cena como na que interpela Beto, o aduaneiro traça a mesma lógica: “Sou eu que de dou vida, Beto!”. Coloca-se enquanto centro de subsistência do contrabandista, dizendo que sem ele Beto não sobreviveria, pois na figura do policial corrupto, trafega ora tirando as mercadorias, ora aproveitando-se delas e do negócio.

Na construção dos personagens citados nas cenas, compreendemos a inferiorização e subalternização dos contrabandistas em relação à hegemonia e autoridade dos aduaneiros: “ideal hegemônico (...) foi criado em um contexto de oposição a “outra” masculinidade problematizada e desvalorizada” (KIMMEL, 1998, p. 105). Esta condição relacional de ambos os núcleos perpassa a produção de ser homem e as práticas de masculinidade que autorizam certas ações, como: humilhação a partir da feminização do outro; sexualização de mulheres e filhas como forma de depreciação; desvalorização da condição de sujeito por meio da deslegitimação do trabalho.

### **3.2. BETO E EL NEGRO: “Vos vas a ir a Acegua por mi, negro?”**

**Cena 1-** Beto estaciona a bicicleta na frente do bar do Gago. Repleto de homens, velhos, jovens, bebendo cachaça. Na TV passa algumas informações sobre a vinda do Papa a Melo. “20 mil brasileiros vão vir!” (00:16:18),

fala El Negro. “Que vão vir o quê, Negro” (00:16:20), responde Beto. Ao sair do bar, El Negro, pede que a cachaça seja pendurada na conta. O Gago consente. Durante o caminho Beto conta ao amigo que vai comprar uma moto, para que as viagens melhorem e possa trabalhar mais em menos tempo. El Negro sugere investir na vinda do Papa, “Eu vou colocar uma barraca de linguiças” (01:16:57). “Está todo mundo colocando algumas coisas nesse evento, Negro. Tu acha mesmo que os brasileiros vão vir só pra comer?” (00:17:00), responde Beto. El Negro insite dizendo que quando ele tiver dinheiro Beto verá. Neste momento Beto questiona: “Dinheiro? Tu quer fazer dinheiro? Tchê, Negro, tu já viu muitos negros ricos em Melo?” (00:17:07), “Não, mas eu vou ser pobre com dinheiro” (00:17:11). Beto, ri e finaliza: “Sim, Negro. Continua pensando com as patas que eu penso com a cabeça” (00:17:20).

**Cena 2** - Ainda com a empresa de comprar uma moto, Beto e El Negro, vão de bicicleta para Aceguá. Conversam sobre o Papa, e Beto avisa: “Viu, não vou precisar colocar barraca. Faço essas seis viagens e tenho uma moto” (00:18:30). “Se Melillo te deixar passar” (00:18:31), ri El negro. “Eu não sou velho e devagar que nem tu, Negro!” (00:18:32), “Vamos uma corrida então?!” (00:18:34), sugere após ser acusado. “O último que chegar é a mulher do padre” (00:18:40). Iniciam uma corrida pela estrada de terra. Vemos no rosto de ambos uma alegria quase infantil. A câmera acompanha a adrenalina da cena e também movimenta-se rapidamente e aos tremores, conjuntamente com a trilha sonora divertida e constante. Juntos permanecem na disputa até o momento que Beto cai. Depois de ver-se vencedor, El Negro volta ao encontro do amigo: “Que aconteceu?” (00:19:48), “Estourei o joelho, Negro!” (00:19:49). Beto fica reclamando da dor e confirma que já aconteceu outras vezes, mas não daquele jeito. O amigo questiona sobre ir ao hospital e ficar em repouso, Beto interrompe: “E tu vai fazer as viagens do Sória por mim?” (00:20:06), “E não somos amigos?” (00:20:08), responde El Negro. “Tu vai ir a Aceguá por mim, Negro?” (00:20:09), “Porque não?” (00:20:10), “Duas vezes por dia?” (00:20:11), “Até três vezes, se tu achar melhor” (00:20:14). Beto ri e debocha da impossibilidade da ideia do amigo, “não diga bobagens!” (00:20:16). El Negro acrescenta: “e cuidado da tua mulher também!” (00:20:19), Beto ri e rebate: “que tu vai cuidar o que, atrevido! Eu que cuidado da tua” (00:20:20). Os dois riem e aos poucos sobem nas bicicletas.

Aqui percebemos a condição de dupla subalternização de El Negro em relação ao amigo Beto, configurando a construção dessas masculinidades

precarizada de forma interdependente, imbricada e sobreposta. Ou seja, de forma relacional, costurando hegemonizações e subalternizações, os personagens coexistem em semelhanças e diferenças atravessadas pelas relações raciais e o racismo.

Iniciamos com a desumanização e bestialização, como apontam as teorias decoloniais (Camila GOMES, 2016), sobre os corpos não-brancos nas Américas, oriundo dos processos de escravização, colonialismo e da atual colonialidade. Pode-se notar essa permanência desumanizante na inexistência de um nome para El Negro. O personagem, durante todo o longa, é existente a partir da sua cor: El Negro. Possivelmente, o personagem, assim como sua mulher Tereza, tem um nome mas está ausente da narrativa. A hegemonização das experiências negras ligadas a sua condição racial compõe uma das facetas cruéis do racismo: a negação da existência individual. Sendo assim, a expressão “o negro/a negra” vira um apontamento racista da branquidade a todos os corpos racializados enquanto negros, apagando e invisibilizando o indivíduo, sua experiência e seus desejos. Podemos fazer uma oposição à branquidade de Beto, que mesmo precarizado, ainda tem nome; e também a pergunta de Melillo: *Como me chamo?*, todos respondem pelo seu nome e não pela sua condição racial. Aqui temos na hegemonização da experiência negra na cor de pele, um aspecto da desumanização do outro.

Outro momento importante na constução do personagem de El Negro, é quando Beto, debocha da ideia do amigo em vender comida na visita do Papa: “Tu acha mesmo que os brasileiros vão vir só pra comer?” (00:17:00). El Negro pontua que terá dinheiro pois irá vender muito durante o evento. Beto, então, expõe duas falas que estabelecem o racismo e a condição do homem negro uruguaio: “Dinheiro? Tu quer fazer dinheiro? Tchê, Negro, tu já viu muitos negros ricos em Melo?” (00:17:07); e “Sim, Negro. Continua pensando com as patas que eu penso com a cabeça” (00:17:20). Na primeira, Beto sinaliza a pobreza como única possibilidade para o homem negro uruguaio. Assim como em outros países da América Latina a desigualdade econômica e social é relacionada à cor da pele: “es que mientras la pobreza en la población blanca asciende a 12,1%, en la población negra se eleva a 28,1%.” (Tania RODRIGUEZ, 2017, p. 17)<sup>6</sup>. Ou seja, a população negra é a mais prejudicada em relação à pobreza e precariedade, refletindo inclusive

.....

6. “Enquanto a pobreza na população branca baixa a 12,1% na população negra aumenta a 28,1%” (tradução do autor)



na: “menor expectativa de vida que la blanca, conformándose como una población principalmente joven (...) posee bajos niveles de escolaridad e ingresa tempranamente al mercado laboral.” (RODRIGUEZ, 2017, p. 17)<sup>7</sup>. Assim, compreende-se que Beto não está errado ao falar sobre a condição precária do ser negro no Uruguai, porém esta premissa pré-estabelece a subalternização, sendo quase impossível, na fala de Beto, ao indivíduo negro a experiência da riqueza. Já na segunda fala, vemos novamente a operacionalização da desumanização e animalização do negro em detrimento da racionalidade e intelectualidade da branquitude, como pontua GOMES (2018, p. 78) “(...) “cultura”, “civilidade”, “racionalidade”, que coloca a branquitude como ideal oposto a práticas, comportamentos, vivências, corpos, experiências “selvagens”, “naturais”, “irracionais””. Beto, inferioriza a ideia do amigo animalizando sua condição: *continua usando as patas*. Em contrapartida, ao falar de si e de suas ideias, sua positivamente a racionalidade e intelectualidade: *que eu penso com a cabeça*.

### 3.3. AS FEMINILIDADES: “Soy el macho de tu hermana!”

**Cena 1 e 2** - Após Melillo parar a *mobil* pela primeira vez na cena onde encontra os contrabandistas e os humilha, o personagem aproxima-se da caminhonete e comenta: “Olha como vocês deixam a coitada!” (00:06:35), “Te sujaram toda, né, meu bem?! E estava recém lavadinha” (00:06:40). Vira-se para os bagayeros, interroga o que fazem e o que levam nos pacotes e direciona a Mono Lemos, “Quantas pessoas tem na sua casa?” (00:07:14), “Quatro” (00:07:20), responde. “Quatro o que?” (00:07:21), “Três meninos e uma menina” (00:07:25), fala Mono Lemos com a cabeça baixa. “E como é a menina? Baixinha? Gordinha? E como se veste? Saia ou uma calça que marque sua bundinha?” (00:07:30). Prontamente El Negro responde: “Isso é um absurdo” (00:07:40). Melillo destrói as mercadorias de Mono Lemos e rouba o Wisky de El Negro.

Enquanto Beto pedala para chegar ao discurso do Papa carregando o vaso sanitário, Melillo o convence a subir na *mobil* mas o protagonista está determinado a ir sem sua ajuda. O aduaneiro desce do carro e faz Beto subir, que se nega. Então, após colocar-se como centro da possibilidade de

.....

7. “menor expectativa de vida que a branca, integrada principalmente por jovens (...) possui baixos níveis de escolaridade e ingresa cedo no mercado de trabalho” (tradução do autor)

subsistência de Beto “Sou eu que que te dou vida!” (01:22:04), Melillo expõe: “O que farei eu com as dívidas ao soldado Luna, Beto? Quer que eu leve ele na tua casa? Para que tu filha fique lambendo ele e tua mulher chupando?” (01:22:34). Humilhado, Beto tem sua bicicleta tomada por Melillo. Corre a pé com o vaso nas costas.

**Cena 3-** Todos os bagayeros se encontram no bar do Gago. Lá conversam sobre as viagens, bebem cachaça e jogam cartas. Depois de ter suas mercadorias retiradas pelos aduaneiros, Beto chega ao bar e embriaga-se. Junto com El Negro e Mono Lemas reclama da vida aos gritos “a estrada é livre. Eu posso ir e vir” (00:27:25). Gago, que já parece esgotado de Beto, diz: “Fica tranquilo, macho!” (00:27:33). Beto rebate: “Macho da sua irmã!” (00:27:34), Gago: “Não me enche o saco” (00:27:38), Beto continua: “Não estou bem para macho da sua irmã?” (00:27:40). O Gago, retirando o copo de Beto, fala: “Olha só, porque invés de ficar aqui enchendo a cara não vai para casa alimentar tua mulher?” (00:27:44). Generaliza-se uma discussão, onde El Negro sinaliza ao Gago: “Com família não se mete” (00:07:48). Beto é expulso do bar e seus amigos o carregam para casa.

O feminino e as mulheres, aparecem no longa de forma secundária, porém compondo os núcleos centrais. Carmen, Silva e Tereza configuram o núcleo doméstico, relegado à casa, vizinhança e escola. Apesar de não serem as protagonistas, o longa expõe as mulheres citadas como mais espartas, inteligentes, capciosas e instruídas. Nas primeiras cenas já podemos perceber que Silvia, a filha de Beto, sonha em ser jornalista. Ela deseja ir estudar na capital, negando-se a virar bagayera “Não sou e nem vou ser bagayera” (00:29:32). Conjuntamente com a filha, Carmen, deseja mudar de vida a partir dos estudos de Silvia, e por isso administra a renda familiar sozinha. Quando Beto tem a ideia do banheiro, Carmen contrapõe, sugerindo a venda de medalhinhas religiosas, que segundo ela, seria um bom negócio.

No final do longa, Tereza, amiga e esposa de El Negro, entrega a Carmen a dita medalhinha, afirmando que comprou de um sujeito que vendeu todas. Assim, a direção do filme deixa evidente que Carmen teve uma ideia muito melhor que a de Beto, mas pelo fato de ser mulher, foi deixada em segundo plano: “Você tem merda na cabeça, Carmen?” (00:33:30). Também vemos essa relação entre mulheres e esperteza na narrativa sobre Tereza. Ao ser perguntada por Silva se sabe arrumar torneiras, Tereza responde que “Saber eu não sei, mas eu invento” enquanto conserta encanamentos no pátio da

vizinha. Neste mesmo diálogo Carmen fala sobre “ser castigo” ganhar dinheiro com questões religiosas, mas Tereza contesta afirmando que “castigo são os políticos que temos agora”. No final de cena, descobre-se, pela fala da personagem, o nome de seu esposo, indentificado pelos brancos como El Negro, Valvulina, emerge pela primeira vez como sujeito humanizado.

Nas cenas descritas - onde Beto discute com o Gago; e Melillo fala com Beto e Mono Lemos - temos a depreciação e objetificação do feminino para inferiorizar outros homens: “o macho da tua irmã”, “(...) porque não vai alimentar tua mulher?”; e “(...) E como é a menina? Baixinha? Gordinha? E como se veste? Saia ou uma calça que marque sua bundinha?” (00:07:30), “(...) Quer que eu leve ele na tua casa? Para que tu filha fique lambendo ele e tua mulher chupando?” (00:22:34). Compreende-se que para afirmação de uma masculinidade deve-se desvalorizar as outras, e aqui, a partir da lógica machista e masculinista relacionada à subalternização e sexualização da mulher e do mundo feminino. Também podemos evidenciar a feminilização de objetos, que durante o curta tornam-se legítimos de uma masculinidade, como a bicicleta de Beto e a *mobil* de Melillo: “Não seja maldosa comigo, aguenta essa última viagem, garota!” (01:18:24); ““Te sujaram toda, né, meu bem?! E estava recém lavadinha” (00:06:40)”.

#### 4. CONCLUSÃO: MASCULINIDADES CONTRABANDISTAS

“(...) Escuta, o Papa esse nós íamos matar! (risadas). Nós mesmos íamos matar ele! Foi assim: se falou que o papa vinha. Ele esteve em Montevideu pela primeira vez. Lá se fez um movimento comercial impressionante. Tá, depois passou um tempo e começaram a falar que ele ia recorrer toda a parte do nordeste do Uruguai. Que vinha ao Brasil e vinha por aqui também. E as pessoas criaram expectativas, porque falavam que vinha milhões de brasileiros e de gente de todos os lados. Mas ninguém percebeu que depois ele ia para o Brasil, ou seja, íamos contar com os poucos uruguaios que tinham aqui. E os de Montevideu já tinham recebido a visita dele. Bom, e as pessoas criaram uma expectativa enorme comercialmente, que ia ser bom para a cidade, para todos. E fizeram alojamentos, não sei quanta gente de todo lado. Resultou que o oito de maio de 1988-1988, que ele veio... Bom, gente que vendeu coisas que tinha para instalar postos, restaurantes, naquela esplanada que ele veio. Milhões, milhões de coisas, e nós (eu e minha esposa) fomos uma das pessoas que colocou. Bom, a gente gastou o que não tinha, nos endividamos... é bem real esse filme do Banheiro do Papa... gente que queria alugar banheiros, porque se imaginava que era

tanta gente, que iam ter que usar o banheiro. Bom, tinha de tudo: restaurantes lindos por ali. E não veio ninguém! (risadas). Veio bem pouca gente. Ninguém! Ninguém! Eu fiquei em casa com meia peça de um dormitório cheio de pancho para vender. Pancho y chorriço! Hamburgueza, comi como uns 3 meses de hamburguezas. Fiz nada de dinheiro. Fiz um dinheiro que fazia como qualquer dia trabalhando. As pessoas ficaram indignadas. Pessoas jogavam os choriços e os panchos no chão de revoltadas. Pobre gente! Gente que vendeu coisas que tinham... uma moto, um carro, pra comprar comida pra vender no Papa. E isso, foi só uma expectativa. Eu passei a noite no lugar pra vender e não tinha ninguém! e ao outro dia quando veio o Papa eram só 4 gatos loucos. Tá, não era culpa do Papa, era culpa.... bom, pensávamos que ia ser diferente! Bom, e isso ficou para a história. Claro, esse filme, se tu vê é exatamente o que aconteceu... tá, dizem que é fictício, como é, mas era isso, gente que tinha a casa preparada para alugar banheiros, aquecer água, vender café... coisas assim... e lucrar com isso, e foi um fracasso. E não veio nunca mais aqui o papa e assim endividou Melo. Assim, o oito de maio virou histórico para Melo. Uma noite muito muito fria. E de Aceguá, veio o que? um ônibus, por ai” Relato de Willian, morador de Melo. Cedido à autora via whatsapp no 22/03/2021

Neste trabalho propus - por meio dos personagens do longa *El baño del Papa* - pensar a lógica de formação das masculinidades contrabandistas, suas experiências, contradições, complexidades, etc. Obviamente há muitas outras maneiras de narrar e capturar experiências do contrabando, da fronteira e das travessias constantes. A visita do Papa e o que gerou a Melo foi uma das trajetórias viáveis para a escrita deste trabalho.

A partir da ficcionalidade apresentada no filme, dos estudos sobre masculinidades (hegemônicas e subalternas), concepções sobre fronteira e contrabando, e epistemologias descoloniais, tracei três movimentos de observação: 1) masculinidades contrabandistas e as autoridades (Los quileros y Melillo); 2) masculinidades contrabandistas entre si (Beto y El Negro); e 3) as masculinidades em oposição às feminilidades do filme.

Kimmel e Connell, auxiliam-se nas concepções sobre masculinidades, compreendendo aspectos imprescindíveis, como: 1) as masculinidades são históricas, sociais e culturais, ou seja, não existem desde sempre e mudam em relação a tempo, espaço, sociedade; 2) as masculinidades hegemônicas e subalternas são relacionais e inconstantes: mudam sob relações de poder (opressões, privilégios, dominações, negociações) através de marcadores sociais, culturais e geográficos, assim como, sob a condição de subalternização das mulheres, e 3) ambas masculinidades são imbricadas, aglutinadas

e verificadas cotidianamente pelos sujeitos que as vivenciam, podendo um mesmo indivíduo - em situações diferentes - oscilar entre elas.

Levando em conta a figura de Melillo, enquanto autoridade, e a condição dos bagayeros, em relação a ele, exponho alguns pontos onde as práticas de uma masculinidade hegemônica operam subalternizações: humilhação a partir da feminização do outro; sexualização de mulheres e filhas como forma de depreciação; desvalorização da condição de sujeito por meio da deslegitimação do trabalho.

Já no que diz respeito à narrativa traçada pela amizade de Beto e El Negro - duas masculinidades subalternas e precarizadas - alguns pontos, sobre a relação racial que atravessa ambos, - merecem ser sinalizados: hegemonização da experiência individual negra; branquitude/branquidade compõe a desumanização e bestialização dos corpos não-brancos sob a lógica de indentificar-se enquanto “mais humano”, vislumbrando o binarismo racista do selvagem/civilizado, bestial/racional, natureza/cultura, feminino/masculino.

No último movimento, sobre como as feminilidades aparecem no filme e a construção das masculinidades em relação a elas, compreendi que: as mulheres da narrativa emergem como mais inteligentes, astutas e corajosas do que os homens; objetos subjugados aos homens durante a trama - la mobil, a bicicleta - são condicionados ao campo da feminilidade; inferiorização e subalternização de outros homens pela lógica de feminilização ou sexualização e depreciação das mulheres e filhas.

Finalizo com a certeza de que esta narrativa integra uma teia de outras subjetividades, histórias e encontros aqui não capturados. Pude destrinchar alguns aspectos sobre masculinidades contrabandistas, pautadas pela lógica da sobrevivência, cooperação, integração, negociação, desvios nacionais, coerção e desejos de ascensão econômica. Entende-se que, como adverte Guazzelli, os sujeitos de fronteira são fronteiriços em todos os aspectos, inclusive sobre si mesmos. Assim, concluo que as masculinidades contrabandistas são condicionadas à sobrevivência e à travessia, dispostas à flexibilização das condições de trabalho e ao negócio enquanto premissa única para suas permanências.

## Referências

- ANZALDÚA, Gloria. *Frontera: la consciencia mestiza*. Madri, Capitán Swing Libros, 2016.
- \_\_\_\_\_. Hablar en Lenguas. Una carta a escritoras tercermundistas. In: *Mi puente, mi espalda: voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*. CASTILLO, Ana; MORAGA, Cherrie. San Francisco, Ism Pr, 1988. 219-228.

\_\_\_\_\_. La Prieta and The Goth Woman. In: *Mi puente, mi espalda: voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos*. CASTILLO, Ana; MORAGA, Cherrie. San Francisco, Ism Pr, 1988. 157-168.

BANDRYMER, Sonia. Carlos González. *La muerte de Martín Aquino*. Montevideo, 2008. Disponível em: <[https://www.academia.edu/12094440/CARLOS\\_GONZ%C3%81L\\_EZ.\\_LA\\_MUERTE\\_DE\\_MART%C3%8DN\\_AQUINO](https://www.academia.edu/12094440/CARLOS_GONZ%C3%81L_EZ._LA_MUERTE_DE_MART%C3%8DN_AQUINO)> . Acesso em 17 set. 2021.

CAFRUNE, Jorge. *Camino de los quileros*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jorge-cafrune/camino-de-los-quileros/traducao.html> . Acesso em 17 set. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado* , v. 31, n.1 Janeiro/Abril, 2016.

CONNEL, R. MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n 21, pp. 242-284, janeiro-abril/2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650> . Acesso em 17 set. 2021.

CUSICANQUI, Silvia. *Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre practicas y discursos descolonizados*. Buenos Aires, Tinta Limón, 2010.

DAVIS, A. *Mulheres, cultura e política*. São Paulo: Boitempo, 2017.

\_\_\_\_\_. *Mulher, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DORFMAN, Adriana. A cultura do contrabando e a fronteira como um lugar de memória. *Estudios Historicos - CDHRP- mayo 2009 - N° 1 – ISSN: 1688 – 5317*. pp. 0-10. Disponível em: <http://www.retis.igeo.ufrj.br/wp-content/uploads/2009-cultura-do-contrabando-AD.pdf> . Acesso em 17 set. 2021.

DORFMAN, Adriana. Contextualizando condições fronteiriças: a contribuição da literatura ficcional para o estudo do contrabando. In: *As ciências sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa*. (Org.) COLOGNESE, Antonio Silvio; CARDIN, Eric Gustavo. Cascavel -PR, 2013. pp. 125-145.

ESPINOSA MIÑOSO, Yudersky. De por qué és necesario un feminismo decolonial: diferenciación, dominación co-constitutiva de la modernidad occidental y el fin de la política de identidad. *Solar*, Lima, V.12, N.1, pp. 141- 171, 2016. Disponível em: <http://revistasolar.org/wp-content/uploads/2017/07/9-De-por-qu%C3%A9-es-necesario-un-feminismo-descolonial...Yuderkys-Espinosa-Mi%C3%B1oso.pdf> . Acesso em 17 set. 2021.

FLORES, Mariana da Cunha Thompson. *Contrabando e contrabandistas da fronteira oeste do Rio Grande do Sul (1851-1864)*. 2007. Mestrado (Programa de Pós-graduação em História). UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não-marcada. In: WARE, Vron (org.). *Branquidade: identidade branca e multiculturalismo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 307 – 338.

GOMES, Camila Magalhães. Gênero como categoria de análise decolonial. *Civitas*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 65-82, jan.-abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/bRTKvzGxYtTDbtrFyLm5JNj/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em 17 set. 2021.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. História e fronteira nas fronteiras da literatura: João Simões Lopes Neto e “Lendas do sul”. *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal-RS, julho de 2013. pp. 1-17. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364757844\\_ARQUIVO\\_Texto-HistoriaeFronteirasdaLiteratura.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364757844_ARQUIVO_Texto-HistoriaeFronteirasdaLiteratura.pdf) . Acesso em 17 set. 2021.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. tradução Marcelo Brandão Cipolla - São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2013.

KIMMEL, M. S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. Horizontes antropológicos. Porto Alegre, ano 4, n. 9, pp. 103-117, out. 1998.

LA LÍNEA *Imaginaria*. Direção: Gonzalo Rodriguez, Nacho Seimanas. Produção: Ludo Contenidos, Montevideo, 2008. Disponível: < <https://www.youtube.com/watch?v=60hhTPBHWTC>>. Acesso em 17 set. 2021.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*; tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019

LUGONES, Maria. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*, v.9, Bogotá-Colombia , pp. 73- 101. Julio-diciembre de 2008

MAZZEI, Enrique. *Fronteras que nos unen y límites que nos separan*. Universidad de la República del Uruguay. Melo, Depto. de Cerro Largo, Diciembre de 2012. Disponível em: < [https://www.cci.edu.uy/sites/default/files/Mazzei,%20E.%20\(2013\).%20Fronteras%20que%20nos%20unen%20y%20l%C3%ADmites%20que%20nos%20separan.%20Montevideo-%20Imprenta%20CBA\\_0.pdf](https://www.cci.edu.uy/sites/default/files/Mazzei,%20E.%20(2013).%20Fronteras%20que%20nos%20unen%20y%20l%C3%ADmites%20que%20nos%20separan.%20Montevideo-%20Imprenta%20CBA_0.pdf) >. Acesso em 17 set. 2021.

MIGNOLO, Walter y Catherine Walsh. Las geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. In C. Walsh, F. Schiwy, y S. Castro-Gómez, *Indisciplinar las ciencias sociales. Geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder. Perspectivas desde lo andino*. Quito, pp. 17- 44, 2002.

\_\_\_\_\_. Colonialidad global, capitalismo y hegemonía epistémica , In: I. Ramos y R. Sosa, R. (coords.), *América Latina: los desafíos del pensamiento crítico*. México, Siglo XXI Editores, pp. 113-137, 2004.

MOGUILLANSKY, Marina. Paisajes, territorios y lugares: La migración de las fronteras en El baño del Papa. *Studies in Latin American Popular Culture*, Universidad Nacional de San Martín, Vol. 34, (s/p), 2016.

MORAGA, Cherríe. *Loving in the War Years: lo que nunca pasó por sus labios*. Boston, South End Press, 1983.

\_\_\_\_\_. La Guerra. In: *Esta puente mi espalda*. Voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos. San Francisco: Ism Press, 1979.

\_\_\_\_\_, & Castillo, A. *Esta puente mi espalda*. Voces de mujeres tercermundistas en los Estados Unidos. San Francisco: Ism Press, 1979.

MORETTIN, E. V. *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro*. História: Questões & Debates, Curitiba, Editora UFPR n. 38, p. 11-42, 2003.

OCHY, Curiel. Construyendo metodologías feministas desde el feminismo decolonial. En: I. MENDIA AZKUE, M. LUXÁN, M. LEGARRETA, G. GUZMÁN, I. ZIRION, & J. AZPIAZU CARBALLO (Edits.), *Otras formas de (re)conocer: Reflexiones, herramientas y aplicaciones desde la investigación feminista*. Donostia, País Vasco: Universidad del País Vasco/HEGOA, pp. 45-60, 2015. Disponível em: <http://www.ram-wan.net/restrepo/documentos/ochy.pdf>. Acesso em 17 set. 2021.

O BANHEIRO do Papa. Direção de Enrique Fernández e César Charlone. Uruguai/Brasil/França 2007. (01:34:49). Disponível em: <https://vimeo.com/136403987> . Acesso em 17 set. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: E. Lander, *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas*. Caracas, Venezuela: Facultad de Ciencias Económicas y Sociales (FACES-UCV): Instituto Internacional de la UNESCO para la Educación Superior en América Latina y el Caribe (IESALC), pp. 201-246, 2000.

\_\_\_\_\_. *Colonialidad del Poder y Clasificación Social*. (I. Wallerstein, Ed.) *Journal of world-systems research*, pp. 342-386, 2000.

\_\_\_\_\_. *Colonialidad, modernidad/racionalidad*. *Perú Indígena*, vol. 13, pp. 11-29, 1991.

RODRIGUEZ, Tania. Racismo y violencia institucional en Uruguay: una mirada desde las ciencias sociales y la historia. *Anais eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul* v.1, n.1, pp. 12- 19, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/aeces/article/view/665/588> . Acesso em: 19 set. 2021.

SOUZA, Suzana Bleil de. *A fronteira do sul: trocas e núcleos urbanos- uma aproximação histórica*, In: *Fronteiras no mercosul*. Porto Alegre: UFRGS, pp. 78-89, 1994.

*Recebido em 23 de julho de 2021.*

*Aprovado em 3 de setembro de 2021.*